



**INSTITUTO
FEDERAL**
Brasília

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Brasília
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas
Somáticas e Dança

RAFAELA ELEUTÉRIO HOLANDA

CORPOREIDADE E A FORMAÇÃO CONTINUADA:
abordagens somáticas e o processo de sensibilização na formação de professores a
partir de práticas corporais com jogos, brincadeiras e dança.

Brasília
2025

RAFAELA ELEUTÉRIO HOLANDA

CORPOREIDADE E A FORMAÇÃO CONTINUADA:

abordagens somáticas e o processo de sensibilização na formação de professores a partir de práticas corporais com jogos, brincadeiras e dança.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança do Campus Brasília do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Somáticas e Dança
Orientador: Dr. Diego Pizarro.

Brasília
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAELA ELEUTÉRIO HOLANDA

CORPOREIDADE E A FORMAÇÃO CONTINUADA:

abordagens somáticas e o processo de sensibilização na formação de professores a partir de práticas corporais com jogos, brincadeiras e dança

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança, como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC aprovado como requisito parcial para obtenção de titulação de Especialista.

Aprovado em 31 de julho de 2025.

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Diego Pizarro

Presidente da banca / Avaliador 1

Prof. Dr. Marcos Vinícius Buiati Rezende

Avaliador 2

Documento assinado eletronicamente por:

- **Diego Pizarro**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 26/08/2025 01:09:42.
- **Marcos Vinicius Buiati Rezende**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 26/08/2025 08:00:05.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 26/08/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 639299
Código de Autenticação: 62d6547e9d



Campus Brasília
Via L2 Norte, SGAN 610, Módulo D, E, F e G., None, Asa Norte, BRASÍLIA
/ DF, CEP 70.830-450
(61) 2193-8055

RESUMO

Este trabalho aborda as experiências na Pós-Graduação em Práticas Somáticas e Dança no IFB, destacando os desdobramentos de uma proposta de extensão em formato de oficina, voltada para professoras pedagogas da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), e tem como foco a formação continuada, utilizando abordagens somáticas e práticas corporais. O relato visa refletir sobre como as experiências com práticas corporais, jogos, brincadeiras e improvisações baseadas em princípios somáticos, podem promover uma maior integração entre corpo e mente, além de ampliar o repertório corporal das participantes. Também busca incentivar a reflexão sobre a relação entre formação continuada e corporeidade no contexto da rede de ensino. Com uma metodologia teórico-prática, a oficina aconteceu de forma presencial com 04 grupos diferentes, com encontros de aproximadamente 03 horas cada. Os encontros geraram provocações e discussões acerca da importância dessas temáticas dentro da formação continuada, bem como a contribuição de forma relevante para área de dança e somática no contexto da educação pública do DF, dialogando com essas áreas de conhecimento e trazendo a importância desses campos para a formação de professores que atuam em escolas públicas, integrando também o que acontece na integração do chão da escola com a universidade, oportunizando a ampliação das abordagens somáticas em diferentes contextos educacionais.

Palavras-chave: formação continuada; práticas corporais; abordagens somáticas; professoras

ABSTRACT

This paper discusses the experiences of the Graduate Program in Somatic Practices and Dance at the IFB, highlighting the developments of an outreach proposal in the form of a workshop aimed at teacher-pedagogues from the Federal District Department of Education (SEEDF) and focuses on continuing education, using somatic approaches and body practices. The report seeks to reflect on how experiences with body practices, games, plays and improvisations based on somatic principles can promote greater integration between body and mind, as well as expanding the participants' body repertoire. It also seeks to encourage reflection on the relationship between continuing education and corporeality in the context of the education network. Using a theoretical-practical methodology, the workshop took place in person with 4 different groups, with meetings lasting approximately 3 hours each. The meetings generated provocations and discussions about the importance of these themes within continuing education, as well as the relevant contribution to the area of dance and somatics in the context of public education in the Federal District, in dialog with these areas of knowledge and bringing the importance of these fields to the training of teachers who work in public schools, integrating as well what happens when the school ground meet with the university, providing opportunities to expand somatic approaches in different educational contexts.

Keywords: continuing education; body practices; somatic approaches; teachers

SUMÁRIO

1	CONTEXTOS-INTRODUÇÃO	11
2	MEMORIAL-SÍNTESE	14
3	PESQUISAS E METODOLOGIAS	18
4	ENCONTROS E DESDOBRAMENTOS	26
5	PLANO DE OFICINA.....	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7	REFERÊNCIAS.....	38

1. CONTEXTOS-INTRODUÇÃO

Esse projeto tem por tema a transdisciplinaridade entre dança, educação e somática em uma proposta que envolve a prática com jogos, brincadeiras e improvisos, atravessados por essa dança somática, como isso incide nas professoras e conseqüentemente quais os desdobramentos pedagógicos em seus respectivos contextos escolares.

As experiências proporcionadas pela pós-graduação no Instituto Federal de Brasília e a atuação de pouco mais de 10 anos como professora da rede pública de ensino do Distrito Federal levaram-me aos próximos pensamentos acerca da Somática, e como as práticas que envolvem este campo podem se inserir no contexto da escola, da educação e da formação de professores.

A afirmação de “Uma educação para o movimento que não estivesse baseada na imitação” (Hemsey de Gainza, 1997, p.21) parece óbvia, mas a realidade na escola, por diversos fatores, ainda insiste nessa relação de cópia de formas quando se trata de práticas corporais. “Que valor realmente damos à articulação entre teoria e a prática em se tratando de aula de dança? Que relações somos capazes e temos vontade de traçar entre a dança, a educação e a sociedade?” (Marques, 2010, p.104). A autora Isabel Marques questiona por quais caminhos a dança insiste quando se fala no contexto escolar. Amplio aqui a discussão para pensar como a somática pode dialogar com a educação e sociedade de modo a encontrar caminhos próprios de fazer, perceber, fruir. Segundo Diego Pizarro e Maria Albertina Silva Gleber (2022), o legado da somática:

[...] nos traz a mesma esperança de transformação através da educação baseada na autonomia do indivíduo como protagonista de seu destino, acreditando, assim, no potencial humano de transformação, através do autoconhecimento que fundamenta o crescimento pessoal. São valores fundamentais para todos os humanos que habitam hoje o planeta Terra: úteis para o monge, o trabalhador, o professor, o político e o artista (Pizarro, Gleber, 2022, p. 217).

Na contemporaneidade, essa interseção de saberes relacionados a dança, educação e sociedade podem contribuir de forma relevante na articulação de ideias, experiências e transformações no contexto da escola, bem como na reflexão e busca por novas propostas por parte dos professores que lidam com os desafios da sala de aula diariamente. Como pôr em prática o que Marques (2010) fala sobre o

fazer-pensar a dança em uma relação que também pode acontecer pela Somática e que atravessa as relações políticas, sociais e culturais de uma comunidade?

Assim, por estar inserida em um contexto de formação continuada, onde consigo dialogar com professores de muitas etapas, tais como: educação infantil, anos iniciais, anos finais, ensino médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da oportunidade de estar convivendo com professores que desejam ter um maior contato com a área de dança, de práticas corporais e levar alguns desses conteúdos para seus estudantes, sinto que propor uma oficina que relacione essas áreas e amplie essas experiências pode ser um caminho de fomento desses campos, muitas vezes, invisibilizados no contexto educacional público. Com os desdobramentos dessa experiência, busco promover reflexões acerca do encontro entre arte-dança-educação-somática, oportunizando o acesso a essas áreas na formação continuada de professores e pesquisas que dialoguem com a realidade social, cultural em um intercâmbio entre a educação básica e a universidade.

Vale ressaltar que a oportunidade de propor esses diálogos, trocas, pesquisas e reflexões incidem diretamente na minha própria formação que se dá justamente nessa interlocução entre os professores, suas experiências e os saberes que entrelaçam os conteúdos e conhecimentos relacionados à corporeidade¹ nesse processo de pesquisa, aulas e proposta de extensão.

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (Freire, 1987, p. 44)

Pelas palavras de Paulo Freire, ressalto aqui principalmente a noção de não hierarquização das pessoas envolvidas no processo e da mútua conexão que um ambiente de sala de aula pode proporcionar aos que ali se dispõem a estar. O objetivo dessa proposta foi promover oficinas para experimentar práticas corporais, jogos, brincadeiras e improvisações a partir dos princípios somáticos, com o intuito de incentivar uma maior integração corpo-mente e ampliação de repertório corporal

¹ A partir das concepções de Merleau-Ponty (2011), a corporeidade neste trabalho refere-se à forma como o corpo é vivido, percebido e significado nas experiências humanas. É um conceito que reconhece a experiência encarnada como fundamental para a construção de saberes e identidades.

das participantes e produzir um relato de experiência sobre os encontros e desdobramentos a partir disso.

Os objetivos específicos deste trabalho são: estimular a expressão e investigação de movimentos com abordagens somáticas aliadas a jogos, brincadeiras e improvisações; proporcionar caminhos para que professores possam usar essas práticas em seu cotidiano no contexto escolar; estimular a integração e conexão entre os participantes por meio da dança e práticas somáticas; fomentar o conhecimento e pesquisa na área de dança, somática e educação.

2. MEMORIAL SÍNTESE

Início este memorial partindo da minha atuação profissional e dialogando com as experiências nas aulas da Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança. Atuo como professora em um curso de 90 horas com o tema *Jogos, Brincadeiras e Práticas Corporais na Escola*, que é ofertado para toda a rede de ensino da Secretaria de Educação do Distrito Federal, mas recebo principalmente pessoas professoras pedagogas e pessoas professoras de arte e educação física. Destaco estas áreas, porque também são sinais reveladores sobre os interesses, necessidades e a relação com a cultura corporal dentro da rede de ensino. Esse curso foi organizado com muito custo na tentativa de garantir espaço na formação continuada na área da corporeidade, entendendo a corporeidade como parte central da interação, construção de identidades, partindo das experiências vividas e do movimento como formas de ser e estar no mundo, ou seja, essa experiência corpórea fundamenta nosso conhecimento e existência.

A formação continuada de professores é ofertada pela Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE), da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), escola esta que promove a formação da própria rede e atende todas as escolas de ensino do DF, ofertando cursos de diversas áreas para os professores de diferentes disciplinas, etapas e modalidades de ensino. Vale ressaltar que poucos são os cursos relacionados ao corpo, movimento, dança ou de caráter mais *prático* diante da maioria de cursos ditos mais *teóricos*, com temáticas mais *cerebrais*. Os *itálicos* destacam pontos relevantes e palavras geralmente utilizadas que revelam a visão sobre conceitos que ainda perduram no pensamento e ações sobre a prioridade de temáticas/áreas e relevância por parte da gestão da SEEDF e, conseqüentemente, dos professores em toda a rede.

Exponho essas situações na tentativa de demonstrar o quanto as noções sobre corpo, movimento, arte e práticas corporais estão relegadas a espaços menores, a momentos pontuais. Esse estado atual dialoga diretamente com a premissa racionalista que ainda vigora em muitos espaços educacionais e se revelam quando olhamos mais de perto para as situações que afligem os profissionais que atuam nessas frentes.

Volto às palavras – prático, teórico, cerebral – citadas anteriormente, na intenção de observar como essas dualidades ainda incidem na educação e discursos em diversos âmbitos. Essa herança Descartiana, que enfatiza dicotomias, ainda promove discussões por vezes tão introdutórias, mas que se tornam extremamente necessárias para situar de onde estamos partindo quando falamos sobre o corpo.

Essa inquietação sobre de onde partirmos para pensar o corpo sempre esteve presente em minha prática docente, mas ela veio mais latente justamente dessa interseção entre vivenciar práticas somáticas e abordar práticas com o corpo dentro do curso que atuo como formadora.

“De que forma as práticas somáticas podem potencializar as experiências em aulas de dança ou de práticas corporais, partindo da noção de corporeidade”? “Quais práticas somáticas são possíveis na escola, desde a formação continuada”? Como as práticas somáticas podem dialogar dentro do processo de ensino-aprendizagem? Como a Somática pode contribuir para a ampliação dos conceitos e vivências relacionadas à corporeidade dentro da escola”?

Partirei de algumas experiências teórico-práticas vividas nas aulas da pós-graduação para relacionar/articular a potencialidade da Somática como campo de conhecimento para a sensibilização de um despertar corpóreo de pessoas professores.

Destaco, a partir das seguintes frases, três pontos fundamentais para a reflexão sobre como a Somática pode contribuir para uma noção de corporeidade mais ampla e mais *concreta* dentro da formação docente e, conseqüentemente, da escola.

1. *O primeiro é sobre a possibilidade de mover-se sem a referência da imitação, ou de uma forma pré-estabelecida:* dentro do universo escolar, ainda é muito comum a prática de coreografias para apresentações em festas juninas e fim de ano, geralmente *criadas* pelas professoras e passadas para os alunos. Não desejo aqui criticar a prática de imitação de movimento, até porque é um recurso interessante, quando os objetivos de aprendizagem estão claros. Além disso, a prática faz parte do universo lúdico e dos processos de ensino aprendizagem das crianças em diferentes etapas. Contudo, vale levantar a problemática de que esse tipo de prática é uma das únicas formas utilizadas na maioria das escolas para se trabalhar com dança e movimento de modo geral. Então, romper com essa lógica já

é um grande passo dentro do ambiente escolar e a Somática pode contribuir nesse sentido, demonstrando novos caminhos para pensar sobre o movimento, seja a partir de conduções, sensações, objetos ou desejos.

2. *A sensação consciente*: um dos desafios em trabalhar com dança é criar vivências que realmente possibilitem o desenvolvimento da sensação consciente. Destaco esse ponto, porque, apesar de aparecer com frequência nas aulas de dança, de modo geral, os termos consciência e corpo ainda não se entrelaçam de forma efetiva nos espaços de formação e no contexto escolar. Bainbridge Cohen (2016) aprofunda a relação entre perceber e agir, apontando caminhos para experimentar essa sensação consciente. Nas formações, isso pode ser promovido por meio de práticas simples que favorecem a atenção ao corpo, como um exercício de respiração guiado por contagem, um “acordar do corpo” através de percussão corporal com as mãos e os dedos, ou ainda com o uso de materiais como bambus ou colheres de madeira.

3. *Autonomia e protagonismo individual*: constituem dimensões importantes nas práticas somáticas, na medida em que favorecem um olhar mais consciente e autorregulado das pessoas sobre si mesmas. Tais práticas contribuem para processos perceptivos, autorais e criativos, estimulando o protagonismo que surge do próprio movimento e da experiência dançada. Esse protagonismo não se restringe aos momentos de dança, mas manifesta-se nas ações cotidianas — na postura, nos gestos, no uso da voz — aspectos que, no contexto escolar, são fundamentais tanto para o professor quanto para as estudantes.

Ao longo do semestre, estabeleci diferentes conexões entre minha experiência como aluna do curso de pós-graduação e minha atuação como professora na formação continuada de docentes. Essas reflexões atravessam a presente escrita. No início desse relato, descrevi a realidade dicotômica que ainda observo no ambiente onde trabalho e como ela impacta o imaginário construído em torno das relações entre dança, corpo e movimento.

No período em que tenho atuado como professora formadora na EAPE, venho buscando estratégias para ampliar o debate sobre corporeidade e evidenciar a relevância desse conhecimento no cotidiano escolar. Com o curso Práticas corporais na Escola, em que atuo como formadora, essa necessidade tornou-se ainda mais evidente, pois as práticas somáticas oferecem múltiplos caminhos para aprofundar e expandir os conceitos de corpo, movimento e dança. Embora a

Somática não se limite a esses aspectos, ela tem se mostrado especialmente potente tanto para introduzir noções de consciência corporal quanto para fortalecer os três eixos anteriormente discutidos: mover-se para além da imitação, experienciar a sensação consciente e desenvolver autonomia e protagonismo de si.

A partir dessas reflexões, passei a revisitar as práticas que já proponho e a buscar novas possibilidades de inspiração somática para as aulas, capazes de favorecer os aspectos mencionados anteriormente, bem como ampliar a reflexão sobre a corporeidade e a relação singular de cada pessoa com o movimento-dança. Como exemplo, já citei práticas de respiração consciente, de percussão corporal, mas acrescento aqui a possibilidade de se tocar, como também de tocar a outra pessoa, no sentido de perceber os ossos, músculos e regiões de determinadas partes do corpo, possibilidades de criação de movimento a partir de elementos da natureza, ou de sensações do corpo naquele dia; propostas de posturas corporais, como na *yoga*, juntamente com a respiração e a experiência mais holística de pensar corpo-mente e estado presente.

3. PESQUISAS E METODOLOGIAS

Com a vontade de trazer a Somática e as práticas corporais como abordagem dentro dos processos de ensino e aprendizagem, e entendendo a Somática como uma via de acesso a esse processo de corporalização a partir do mover, dançar e brincar, destaco aqui alguns autores que elucidam e dialogam com as questões já citadas no texto. A começar pelos conceitos sobre corporeidade, que conversam com as propostas desenvolvidas no contexto de formação continuada. O primeiro deles é a corporeidade. Segundo Merleau-Ponty (2011, p. 207), “[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo”, isto é, o autor entende o corpo como essa unidade integrada que sente, pensa, age, se relaciona e se expressa no mundo.

A pesquisadora Débora Bolsanello (2010) também destaca esses conceitos quando afirma que “As concepções de corporeidade constituem eixo em torno do qual se articulam as intervenções sobre o corpo, sejam elas terapêuticas, estéticas, educacionais, científicas etc. (Bolsanello, 2010, p. 21). Dentro da teoria da subjetividade, na perspectiva histórico-cultural de González Rey (2003), há também uma ideia de sujeito-corpo em sua complexidade corpórea, nessa perspectiva o sujeito é constituído de relações sociais, emocionais, históricas, simbólicas tanto no que afeta como pelo o que é afetado. Essa noção não entende o corpo somente como aspecto biológico, mas como espaço de experiências, produção de sentidos e modos de viver e existir.

Encontramos também a noção de corpo-território, de Cássia Navas:

A noção de “corpo-território” articula-se um tanto dos “corpo veículo” e “anti-corpo” de Bernard. Nela imbricam-se memórias acessadas ou à espera de o serem, mediante composições que vão da absoluta originalidade até o *deja-vù* mais estratificado. É a partir do corpo-território que tais articulações se dão, posto que, em dança, não estar fora do corpo a concretude de sua existência (Navas, 2010, p. 3).

Há também o *corposujeito*, de Vilela (2013), que relaciona o corpo-sujeito de quem dança, suas próprias experiências e o movimento para elaborar sobre esse corpo-sujeito em questão. Tanto nas práticas com o corpo, com a dança, quanto nas

práticas somáticas, a corporeidade não se estabelece de forma abstrata mas uma experiência vivida, que implica em consciência, relações com espaço, com o outro, com o mundo, expressão própria, corpo como território de cuidado, memória, afeto e presença.

Sobre a Somática, cito primeiramente o “conhecimento tácito somático”, conceito cunhado por Harry Collins (2010), que Melina Scialom (2024) desenvolve quando afirma que esse conhecimento é “aquele que é aprendido somente através do exercício prático e que, apesar de falarmos sobre ele, não é possível reproduzi-lo ou aprendê-lo, senão realizando a atividade em questão, ou seja corporalizando-a.” (Scialom, 2024, p.19).

Destaco a importância da experiência corpórea nesse processo, por isso também a escolha do formato de oficina. Tendo em vista a realidade das professoras, ter a possibilidade de fazer mover no contexto de formação é fundamental nesse processo de consciência sobre a própria corporeidade. Assim, nessa ideia de contextualizar, dialogo sobre os possíveis conceitos acerca da Somática que perpassam as experiências e leituras em um ir e vir contínuo com a realidade no universo da escola. Existem outros ramos que atravessam o campo da Somática, além da educação, segundo Sylvie Fortin (2017 *apud* Pizarro, 2022): a somática social; ecossomática; somática e espiritualidade; saúde e bem-estar. Pensando numa lógica de conhecimento, sustentabilidade e sobrevivência na contemporaneidade, esses ramos são indissociáveis se quisermos definir as práticas somáticas. Bem como as definições epistemológicas que perpassam: “os caminhos interdisciplinares – arte-saúde-educação-filosofia – os quais reconhecemos como Educação Somática...” (Pizarro, 2020, p. 225).

Destaco a palavra Somática e retomo ao seu surgimento para evidenciar suas características e caminhos interdisciplinares. No texto *Uma breve história das práticas somáticas e da dança*, de Martha Eddy (2018), fica evidente que as pessoas pioneiras somáticas descobriram, através de seus próprios corpos, em diálogo e experimentações, que é possível, pelo próprio corpo, reorganizar-se em aspectos relacionados a lesões, facilitar a mobilidade, maior autonomia, reaprender a viver com mais vitalidade e expressar-se (Eddy, 2018). Outra informação relevante sobre esse histórico é que essas investigações somáticas “foram encorajadas pelo crescimento do existencialismo e da fenomenologia, como também pela dança e o expressionismo” (Eddy, 2018, p. 28). Ou seja, esse movimento somático vem, desde

o século XX, irrompendo com novas correntes filosóficas e conectando-se à dança moderna, dança esta que promoveu diversas rupturas com a dança clássica e imposições corporais até então não questionadas no mundo ocidental.

Vale ressaltar outra característica desse movimento somático movido pelo contexto histórico, que foi o processo migratório de ideias e pessoas do oriente para o ocidente, interferindo diretamente nas práticas somáticas a partir do contato com as filosofias que relacionavam corpo-mente, como o *yoga*, as artes marciais e os movimentos ditos holísticos (Eddy, 2018). Thomas Hanna (1976), um dos precursores da Somática na década de 70, revela também outro aspecto importante dentro dessa busca por definições acerca dessa área, que é justamente o despertar consciente do corpo, essa reorganização e reprogramação corporal e que ela acontece necessariamente de forma integral.

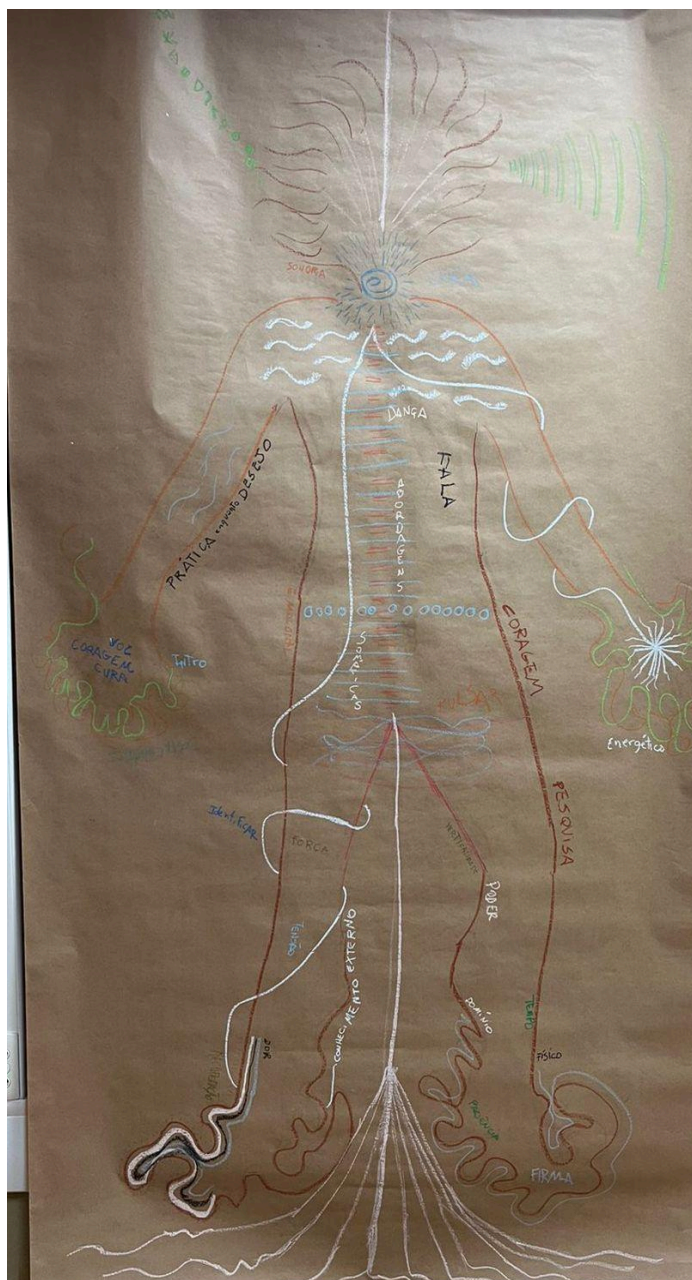
Para desenvolver um pouco mais sobre os caminhos desse corporalizar via princípios somáticos, destaco também uma possibilidade de caminho metodológico, que pode ser aliado às práticas somáticas, que é o método BPI (bailarino-pesquisador- intérprete), de Graziela Rodrigues (2012), em que ela desenvolve técnicas de sentidos a partir da imagem, sensação, sentimento e movimento, traçando pontos de partida para se ter uma experiência somática. Outra autora que traz pistas desses princípios, mas que destaca a partir do que ela chama de “estados de atenção”, é Jussara Miller (2016, p. 160), que propõe diferentes estados de atenção: percebendo o corpo e seus processos; o espaço e o que envolve; relação com o outro; e percepção, observação da cena e de se estar nela. Esses também são caminhos para desenvolver uma experiência que desenhe princípios somáticos dentro de práticas corporais em jogos, brincadeiras e improvisos.

Diante das reflexões sobre as práticas somáticas, historicidade e também da contribuição de autoras que enfatizam a corporeidade nos processos de criação e processos formativos, elaborei uma proposta que dialogasse esses referenciais teóricos com a formação continuada de professores. No intuito de reafirmar e reconhecer esse corpo como espaço de experiência concreta e de produção de sentidos valorizando processos de percepção, escuta, sensibilização e protagonismo, a oficina a seguir descrita, foi concebida como espaço de investigação corporal com um olhar às demandas reais da vida cotidiana docente.

A proposta então foi de uma oficina teórico-prática com aspecto experiencial voltada para professores da rede de ensino pública do DF. A ideia foi de propor para um grupo específico de professoras que participavam dos cursos da EAPE (no polo EAPE e também no polo Ceilândia) uma oficina extensionista promovendo esses encontros. O espaço que usamos foi uma sala ampla sem cadeiras, aparelho de som, tecidos e bolinhas. Os procedimentos foram divididos em aulas experienciais, rodas de conversa ao final dos encontros, sugestão de leituras e escuta ao longo da duração desta oficina.

Dentro dessa proposta, buscou-se uma integração mais coletiva e de práxis a partir da abordagem somática. Por ser uma proposta voltada para professores, outro ponto de congruência é pensar na pedagogia histórico-crítica de Saviani (2011), como proposta de um desenvolver metodológico que perpassa a prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Parte dessa ideia e desse desafio surgiu na criação do mapa somático realizado em 2024.1 (Figura 01).

Figura 01 – Mapa somático desenvolvido no componente curricular Metodologia de Pesquisa em Dança 1.



Fonte: Acervo pessoal.

A cada encontro, durante os semestres, algumas ideias foram aparecendo a partir dessa busca por uma abordagem somática que contemplasse a práxis, tanto na relação comigo mesma nesse processo somático, como também na minha realidade de professora diante de uma turma.

Outro aspecto que foi desenhando essa proposta e alimentando o que poderia ser esse caminho metodológico foram as leituras acerca da Prática como Pesquisa (PaR):

A PaR é um termo que se refere a um grande guarda-chuva metodológico que surgiu no final do século XX para sustentar e justificar pesquisas em que uma atividade prática integra o processo de geração de determinado conhecimento inédito (Scialom, 2024.p.14).

Os paradigmas tradicionais conhecidos são a pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo Brad Haseman (2006), “A pesquisa quantitativa abrange um conjunto de abordagens científicas e dedutivas”, estabelecendo hipóteses e testando para chegar em resultados. Já a pesquisa qualitativa:

Opera de forma bastante diferente. a pesquisa qualitativa: Ela prefere abordagens indutivas e necessariamente engloba uma ampla gama de estratégias de investigação e métodos, abrangendo as perspectivas tanto dos pesquisadores quanto dos participantes. (Haseman, 2006, p.42)

Já, a PaR vem como nova via de manifestar pesquisa em caminhos metodológicos que passam por conhecimentos tácitos (Polanyi, 1966 *apud* Scialom, 2024). Esse conhecimento, segundo Scialom (2024), desenvolve-se justamente na ação, no fazer, e só pode ser passado, transmitido, pela prática e pelas pessoas envolvidas. Silvia Geraldi (2019, p. 140) enfatiza “o caráter corporal produtivo, realizativo – próprio do campo da arte – que tanto a prática como a pesquisa tem, compreendendo-os como modos de ação”. Nessas perspectivas, o caminho metodológico que envolve a prática como pesquisa vem como novo paradigma e validação dos conhecimentos corporais como importantes no processo de pesquisa sem sua hierarquização.

Desse modo, os procedimentos metodológicos dessa proposta também foram inspirados no desenvolvimento a partir da prática como pesquisa, entendendo o formato de oficina, a relação ensino-aprendizagem, professores-estudantes como parte dessa compreensão de modos de ação.

Como citado anteriormente, as características extensionistas que estão presentes neste projeto são o privilégio dado às questões relacionadas ao tema, sem desconsiderar a realidade social (Deus, 2020), além de um conjunto de ações que serão relevantes para esse grupo/comunidade, contribuindo para o fomento e transformação a partir do trabalho aliado entre dança e Somática. Essa proposta extensionista tem a intenção de aproximar o campo da Somática à realidade de formação de professores, com o intuito de fomentar esta área no universo da

educação, bem como oportunizar esse conhecimento, fazendo uma ponte entre a universidade e o contexto de ensino básico.

Assim, a extensão deveria ser uma parte ativa do conjunto universidade, que pode se desdobrar em curso, oficina, evento, projetos, entre outros, e tem a possibilidade de intercambiar o conhecimento da comunidade com a o conhecimento da universidade em propostas relacionadas a diversas áreas de forma interdisciplinar, conectadas também à pesquisa e ao ensino, que acontecem no espaço universitário e que dialogam com os setores da sociedade.

Segundo Pizarro (2017) “a extensão não pode ser pensada, analisada ou vivenciada de forma apartada do Ensino e da Pesquisa” (Pizarro, 2017,p 18), demonstrando aqui a importância da coerência em pensar no âmbito da universidade quais modos de se fazer extensão fazem sentido quando abordamos, por exemplo, a dança, a Somática e a educação. Entendo que seria considerável que a extensão de fato acontecesse de maneira tão importante quanto a pesquisa e ensino, com a premissa naquilo que a comunidade/sociedade também precisa e quer dialogar, com a possibilidade de ir além. O Projeto Político Pedagógico da Pós-graduação de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança do IFB (2023), também aponta sobre as atividades de extensão previstas e a relação ensino-pesquisa imbricada nesse processo.

Assim, as atividades de extensão deste curso preveem a diversidade de ações visando não somente a inserção no mundo do trabalho, mas também as vivências segundo o conceito de ensino-pesquisa em extensão que tem sido uma prática constante da Área de Dança do Campus Brasília do IFB (Brasil, 2023, p.27).

Portanto, com relação a proposta desenvolvida neste relato de experiência, a extensão é um caminho de favorecimento do diálogo entre os desdobramentos de ensino e pesquisa que ocorrem na universidade com os acontecimentos na realidade escolar, principalmente quando se tem a oportunidade de trabalhar com temas que vão de encontro à prática pedagógica no que diz respeito à relação do corpo na educação e o impacto disso na vida das estudantes. Na extensão temos a oportunidade de criar um canal direto entre as necessidades de um determinado grupo/comunidade e ao mesmo tempo, fomentar mais ensino e pesquisa que estejam em consonância com a realidade, social, cultural da sociedade e nesse caso, com a formação continuada de professores.

4. ENCONTROS E DESDOBRAMENTOS

As oficinas aconteceram no mês de outubro e novembro de 2024, com quatro grupos de professores. Dois grupos foram atendidos na EAPE e os outros dois grupos na Coordenação Regional de Ensino (CRE) da Ceilândia. As oficinas contaram com aproximadamente 50 professoras e professores, em sua maioria pedagogas(os) da SEEDF. O trabalho desenvolvido foi no planejamento de oficina da aula 1 (vide p.30), com foco nos pés. As quatro aulas tiveram este foco, os pés, tendo em vista que foram grupos distintos de professores. A ideia de trazer essa experimentação para esses grupos de professores veio de uma observação *in loco* das professoras e suas posturas, caminhadas e habilidades relacionadas à lateralidade, auto-observação e percepção de si. Diante desses indicativos, resolvi promover um trabalho que tivesse como foco a percepção dos pés e como a relação com os pés pode reverberar de diferentes maneiras no corpo inteiro. Busquei trazer a atenção para os aspectos relacionados aos pés, com a transversalidade lúdica de propostas corporais que envolvessem as professoras e seus respectivos contextos escolares.

Figura 02 – Professoras deitadas no chão em um momento da oficina.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Para a elaboração da aula, dialoguei com autoras e mestres que, em seus trabalhos, evidenciaram a importância da relação com os pés, com a caminhada, com a imaginação e a autopercepção a partir da condução. A Eutonia, por exemplo, que tem como foco um trabalho relacionado ao equilíbrio do tônus (estado), desenvolve muito a autopercepção, o sentir e a escuta. O inventário corporal vem como uma possibilidade para essa introdução às práticas somáticas. O inventário corporal é uma prática em que a pessoa que está conduzindo a aula propõe aos participantes uma percepção da sensação de cada parte envolvida, trazendo a atenção principalmente para os ossos, músculos e tecidos. A criadora dessa abordagem é a alemã Gerda Alexander.

a Eutonia, convida-o aprofundar essa descoberta de si mesmo sem retirar do mundo, mas ampliando sua consciência cotidiana, permitindo-lhe liberar suas forças criadoras, possibilitando-lhe um melhor ajustamento a todas as situações de vida e um enriquecimento permanente de sua personalidade e de sua realidade social (Gerda Alexander, 1983. p.9).

Figura 03 – Professoras em duplas fazendo uma exploração de movimento de peso, força e equilíbrio.



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Essa ampliação de consciência cotidiana e enriquecimento dentro daquilo que se vive é um caminho muito valioso dentro da formação com as professoras, entendendo que esse espaço é importante para se discutir, viver e ampliar sobre a relação com a própria corporeidade.

Outra prática que contribuiu para o desenvolvimento dessa aula foi a Antiginástica, criada por Thérèse Bertherat, que propõe que o corpo busca o seu próprio equilíbrio e que, para isso, precisamos ser inteiros. Em seu livro *O corpo tem suas razões*, a autora afirma que “ser é nascer continuamente” (Bertherat, 1996). Essa abordagem traz como princípio o processo de conhecer-se melhor para se apropriar de si, para habitar o próprio corpo, identificando uma conexão direta com a necessidade que surge em algumas formações a partir da fala das participantes, quando desabafam sobre suas vidas, questões com o corpo, saúde, autocuidado e de como isso interfere diretamente na forma como vivem e também em como atuam profissionalmente. Essa prática, portanto, convida a olhar para si, com cuidado, afeto e intenção. O método Ivaldo Bertazzo também contribuiu para a criação da aula, principalmente no que tange às caminhadas e o uso de materiais para autopercepção e atenção a diferentes posturas e prontidão. Ivaldo Bertazzo é um educador, coreógrafo e pesquisador na prática da reeducação do movimento e seu método consiste em trabalhar com ferramentas e materiais que propiciem o desenvolvimento da psicomotricidade de pessoas que necessitam de um reequilíbrio corporal, prontidão e controle da postura e movimento do corpo.

Importante ressaltar que essas abordagens aparecem como base e inspiração, trazendo princípios e conteúdos que permeiam o modo de pensar-fazer a aula. Além disso, toda a organização e práticas corporais de jogos e brincadeiras também alimentaram a criação desse plano, a partir de experiências anteriores e pesquisas de propostas que coubessem para esse público. O plano de oficina destrincha melhor as propostas descritas.

Figura 04 – Professoras juntas conectadas pelos pés e mãos durante oficina.



Fonte: Acervo pessoal, 2024

PLANO DE OFICINA
Abordagens Somáticas e Práticas Corporais na Escola: dança, jogos e brincadeiras

Extensão em Oficinas

Profa. Formadora: Rafaela Eleutério (EAPE)

CRONOGRAMA

OFICINAS para professores da SEEDF

Turma EAPE Matutino	Turma EAPE Vespertino	CRE - Ceilândia	CRE - Ceilândia
30/10/2024 (quarta-feira) Manhã: 9h às 12h	30/10/2024 (quarta-feira) Tarde: 14h às 17h	07/11/2024 (quinta-feira) Manhã: 9h às 12h.	07/11/2024 (quinta-feira) Tarde: 14h às 17h

Número de turmas: 4 (matutino e vespertino) 3h de duração cada oficina

Ementa

Oficina de Práticas somáticas com jogos, brincadeiras e dança na escola no contexto de formação continuada da SEEDF para professoras que possuam interesse em experienciar vivências relacionadas às práticas com o corpo

Público-alvo

Professores/as pedagogos(as) de Centros de Educação Infantil e anos Iniciais da SEEDF

Número de turmas: 4

Número de vagas por turma: 25

Justificativa

A partir dos relatos de professoras da rede sobre a falta de formação em áreas que envolvam a corporeidade (na formação inicial) a ideia da oficina é introduzir práticas somáticas que auxiliem no processo do brincar a partir de jogos e brincadeiras que relacionem a experiência corporal com o aspecto lúdico

Objetivos

Experimentar práticas corporais, jogos e brincadeiras a partir de princípios somáticos com o intuito de incentivar uma maior integração corpo-mente e ampliação de repertório corporal das participantes.

Metodologia

Aulas práticas com mediação e condução de propostas relacionadas a partes específicas do corpo. Práticas corporais com jogos e brincadeiras relacionados aos temas de cada aula. Práticas em grupo, em duplas e individuais. Uso de música, percussão corporal e toque (autotoque). A intenção metodológica vem das experiências como formadora na Eape na observação e interação com professoras e professores da rede. Além da influência direta das aulas na pós-graduação e de algumas abordagens específicas tais como a Antiginástica, Técnicas de Ivaldo Bertazzo, e da Eutonia,

Encontro: Prática com atenção nos pés

Momento 1 – *(Pedir para as pessoas participantes acharem um lugar confortável na sala e se deitarem com a barriga para cima e os braços ao longo do corpo, em uma posição de descanso)* Condução de trazer atenção às partes do corpo, ao estado de presença, à respiração, ao peso, aos aspectos do ambiente (sala, luz, temperatura), do próprio corpo na intenção de buscar uma percepção (de cada um) voltando a atenção principalmente para os pés. Tamanho, formato, peso, imaginação das partes que o compõem.

Momento 2 – Ainda na condução, trazer a atenção para uma proposta de movimento com um dos lados do corpo. Flexionar uma das pernas e apoiar o pé no chão, e com a outra fazer um movimento de ponta como se quisesse

encostar os dedos no chão depois um movimento de alongar o calcanhar como se quisesse crescer, ganhar espaço. Fazer isso algumas vezes e pausar, percebendo a diferença entre os lados e sensações que essa movimentação provoca. Repetir e depois trocar de lado. Sempre destacando quais as articulações que ali se movimentam, o que o tornozelo precisa fazer para o pé mover, como ficam os joelhos, quais músculos estão sendo acionados, o que ocorre com as outras partes do corpo quando o movimento acontece e pausa. Repetir no tempo de cada um.

Momento 3 – Espreguiçar mexer se sentir necessidade e procurar uma forma de chegar na posição sentada. Ainda de olhos fechados, imaginar como é a melhor maneira para o seu corpo de encontrar a posição sentada. Imaginar e depois fazer. Aos poucos tocar os próprios pés. Um toque firme, mas sem muito esforço com a ideia de conhecer, sentir e perceber o próprio pé. Um reconhecimento dessa parte do corpo. Imaginar que nesses pés temos 26 ossos, 33 articulações divididas. Falando de ossos, temos os tarsais, metatarsais e falanges. Reconhecer os arcos dos pés. (longitudinal medial, longitudinal lateral e transversal anterior. Imaginar uma forma de ficar de pé e depois ficar de pé.

Momento 4 – Transição para caminhada – caminhar agora, com atenção os pés depois de sentir, mover e tocar, trazendo agora o peso de estar sobre os pés, sem alterar a caminhada entender como próprio corpo se equilibra para que a caminhada aconteça, variar a forma como caminha, jogar o peso para partes diferentes dos pés como calcanhar, bordas dos pés, pontas dos pés, ver o que é necessário para equilibrar-se

Momento 5 – Conecta – Depois da caminhada o primeiro jogo proposto é o conecta, a ideia é que todas as participantes se conectem com a alguma parte do corpo de modo que ninguém fique sem algum tipo de conexão. Assim que as participantes escutam a palavra conecta todas devem parar e conectar-se a outra pessoa sem mover em passos para chegar no outro. Depois voltar a caminhar. Durante a condução pode-se propor usar somente a parte inferior, ou somente os braços, pés. Andar em diferentes velocidades. Conectar-se com o olhar – formar duplas.

Momento 6 – Espelho – Uma das participantes propõe o movimento enquanto a outra segue como se estivesse na frente do espelho. Mas o primeiro desafio é propor o movimento sem tirar os pés do chão, ou seja, não pode haver deslocamento. Depois troca a pessoa que propõe. Trocam-se as duplas e agora o desafio é ter que propor movimentos sempre em deslocamento, não pode ficar em pausa ou colado no chão. Por fim, a proposta é variar a movimentação hora com os pés enraizados no chão hora deslocando-se.

Momento 7 – Círculo inverso – jogo de contrários em roda, em pé as participantes ficam de mãos dadas e precisam repetir os comandos contrários do que é demandado. Se a professora falar “frente” todos dizem: “trás”, mas pulam para frente, se a proponente diz direita, todos dizem: “esquerda”, mas pulam para a direita. E assim por diante. Dá para fazer todos em círculo olhando para frente ou todos em roda, mas de costas.

Momento 8 – Ampé – Brincadeira de Gana (ref. Débora da Cunha) - ogo em semi-círculo, que começa com um mestre e este propõe um movimento para a primeira pessoa do semicírculo o movimento é: duas palmas e um pulo para colocar um dos pés para frente pessoa faz o movimento junto com o mestre mas decide qual pé coloca para frente, se sair espelhado o mestre continua se sair trocado o mestre sai e essa pessoa assume seguindo a ordem do semicírculo, pode-se acelerar o jogo ou criar mais movimentos para dificultar

Momento 9 – Pano puxa – Em fileira um de frente para o outro os participantes ficam em uma distância com um pano no meio. A pessoa que conduz vai dizer partes do corpo e todos colocam a mão nessa parte do corpo toda vez que é falado, em algum momento dessa sequência quem conduz fala a palavra: “pano” e cada dupla precisa disputar o pano que está no chão com o pé arrastando o pano para si. Quem ganha é quem pega mais vezes os pano (atenção pois o jogo é com os pés, se for com a mão tem perigo de bater a cabeça)

Momento 10 – Objetos com os pés - em círculo no chão com diferentes objetos o objetivo é entregar para a pessoa do lado um objeto de cada vez com os pés, sem deixar cair no chão, experimentando diferentes partes e jeitos para que isso aconteça.

Momento 11 – Relaxamento – deitar-se perceber como se sente após as práticas.

Momento 12 – Roda de conversa final.

Figura 05 – Professores abaixados, experimentando o nível baixo no espaço durante oficina.



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Ao final dos encontros, as professoras eram convidadas a partilhar um pouco sobre como foi aquela vivência para elas, desde o primeiro momento de entrar na sala (e ter tecidos e cangas para deitar-se no chão) a condução das práticas e brincadeiras propostas no dia. Foi muito interessante ouvir falas como: “foi muito diferente, nunca tinha parado para perceber meu corpo dessa forma” e também: “Comecei a enxergar meu pé de outro jeito”, como também: muito interessante para abordar com as crianças, entender o próprio pé, tocando.” Além de muitos relatos sobre como estavam se sentindo sobrecarregadas ou cansadas no dia da oficina e que após a aula sentiram-se mais leves, mais relaxadas e com energia. A ideia aqui não é fazer um estudo de caso com amostragens, nem generalizar as sensações

das pessoas que participaram da oficina, mas trazer para esse trabalho uma realidade de discurso muito presente quando há propostas que envolvem uma prática da relação com a própria corporeidade. Ao final das quatro oficinas dadas, em todas as rodas de conversa eu ouvi que: “preciso dar mais atenção ao meu corpo”; “preciso parar e reparar”; “os nossos alunos precisam de momentos assim”; “preciso me mover”. Essas e outras frases com sinônimos foram compartilhadas pelas professoras.

Dentro desse cenário, observo dois pontos relevantes que podem se tornar novos temas de pesquisa. 1. O quanto o espaço da formação continuada pode contribuir na ampliação de consciência da própria corporeidade a partir de práticas corporais, abordagens somáticas e dança. 2. Quais os desdobramentos pedagógicos incidem em uma sala de aula quando a professora coloca em seu planejamento o corpo (o mover, as práticas corporais) como potencial criativo no processo de aprendizagem da criança.

Desdobro esse trabalho em possibilidades de reflexão sobre a minha própria prática, sobre o papel da formação continuada, sobre o diálogo entre a universidade e a educação básica, sobre as contribuições do campo da somática e ampliação desses conhecimentos para pessoas que educam crianças e adolescentes. Também sobre a possibilidade de ação, de novas oficinas, aulas e continuidade de trabalho relacionado ao corpo, a dança e a importância de resistir dentro de espaços escolares cada vez mais controladores e castradores.

As abordagens somáticas aliadas às práticas de dança, jogos, brincadeiras como demonstrado acima, potencializam a percepção a sensibilização e atenção à própria corporeidade, incidindo diretamente na auto imagem, auto percepção e consciência corporal de quem pratica.

Considerações Finais

Ao longo deste relato busquei evidenciar como a relação com a corporeidade, se apresenta no contexto de formação continuada bem como os desdobramentos nos espaços escolares relativos à dança, ao corpo e ao movimento. Nesta contextualização desenvolvi sobre a existência (ainda) de uma visão dicotômica de corpo-mente, da supremacia por formações ditas mais “intelectualizadas” e conseqüentemente da falta de mais temáticas e áreas que abordem o trabalho com práticas corporais na formação continuada. Em diálogo com essa contextualização da formação continuada, relatei as experiências na Pós-Graduação de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança e o impacto das práticas somáticas no meu desenvolvimento pessoal e o desmembramento dessas vivências significativas na minha atuação enquanto professora. Dissertei a partir dessas afetações como as abordagens somáticas, as reflexões sobre corporeidade e as práticas com jogos, brincadeiras e dança se entrelaçam nessa proposta de um projeto de extensão com o desenvolvimento de uma oficina para professoras da rede de ensino do DF. E por fim, identifiquei uma potencialidade em entrelaçar os campos da Dança, da Somática e da Formação Continuada, por ter evidenciado na prática o impacto dessas experiências na vida dessas professoras. Diante da escassez de propostas voltadas para a integração do corpo dentro do contexto de formação continuada e das realidades escolares do DF, as abordagens somáticas e a dança podem ser campos aliados no processo de reintegrar corporalmente as etapas da educação, repensar os formatos dos processos de aprendizagem e provocar social-cultural e politicamente sobre a importância de se voltar a práticas que buscam as experiências sensíveis, a escuta, a presença, a ampliação dos sentidos como via para mudanças sociais e de cidadania consciente.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Gerda. **A Eutonia**: um caminho para a experiência total do corpo. Cidade: Editora Martins Fontes, 1983

BAINBRIDGE COHEN, Bonnie. **Sentir, perceber e agir**: educação somática pelo método Body Mind Centering®. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

BERTAZZO, I. **Cidadão corpo**: identidade e autonomia do movimento. São Paulo: Summus, 1998.

BOLSANELLO, Débora. **Em Pleno Corpo**: Educação Somática, Movimento e Saúde. 2°. Edição. Curitiba: Juruá, 2010.

CUNHA, C. S.; PIZARRO, D.; VELLOZZO, M. **Práticas Somáticas em Dança**: Body-Mind Centering™ em criação, pesquisa e performance. Brasília/DF: Editora IFB, 2019.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária**: trajetórias e desafios. Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020.

EDDY, Martha. **Uma breve história das práticas somáticas e da dança**: desenvolvimento histórico do campo da educação somática e suas relações com a dança. Repertório, Salvador, ano 21, n. 31, p. 25-61, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/28997/17285>. Acesso em: 28 de novembro de 2024.

FERNANDES, Ciane. **Somática, Performance e novas mídias**/ organizadores, Ciane Fernandes, Inavi Santana, Leonardo Sebiane - Salvador: EDUFBA, 2022. In Entre a Somática e a Dança: reflexões epistemológicas e desdobramentos contemporâneos.p;203-217,2022

FERNANDES, Ciane; PIZARRO, Diego; SCIALOM, Melina. **Prática Artística Como Pesquisa, Somática e Ecoperformance**. São Paulo: Giostri, 2024

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MILLER, Jussara. A sala e a cena: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática. **Cadernos do GIPE-CIT**, Salvador, n. 36, setembro, p. 150-166, 2016.

NAVAS, C. **Memórias-corpo, corpo-território e dança-mídia**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ETNOCENOLOGIA, 6., 2010, Belo Horizonte. Anais do VI

Colóquio Internacional de Etnocologia. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2010.

Disponível em:

<http://www.cassianavas.com.br/2020/06/memorias-corpo-corpo-territorio-e-danca.html>. Acesso em: 26 de novembro de 2024.

PIZARRO, Diego (org.). **Ensino-pesquisa em extensão**: processos de composição em dança na formação do docente-artista. Brasília: Ed. IFB, 2017.

PIZARRO, D. **Anatomia CorPoÉtica em (de)composições**: três corpus de práxis somática em dança. 418 f. il. 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro / Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32962>.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **O Corpo Identificado pelo Fluxo de Sentidos**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA ABRACE, 7., 2013, UFMG, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2013. Disponível em: Disponível em: http://www.portalabrace.org/viireuniaio/pesquisadanca/RODRIGUES_Graziela.pdf . Acesso em: 30 novembro 2024.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

VIANNA, Klauss. **A dança**. São Paulo: Summus, 2008.